

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriane Carla Félix

**A IMPORTÂNCIA DO CORPO E MOVIMENTO PARA A APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS NOS BERÇÁRIOS DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte
2015

Adriane Carla Felix

**A IMPORTÂNCIA DO CORPO E MOVIMENTO PARA A APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS NOS BERÇÁRIOS DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte

2015

Adriane Carla Felix

**A IMPORTÂNCIA DO CORPO E MOVIMENTO PARA A APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS NOS BERÇÁRIOS DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Libéria Rodrigues Neves – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Ms. André Soares da Cunha – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo acerca da importância do trabalho com corpo e movimento para a aprendizagem das crianças com idade de 0 a 1 ano, no berçário da Educação Infantil, recorrendo-se à teoria de Henri Wallon. Para tal, foi feito o relato de uma experiência desenvolvida com crianças nessa faixa etária numa UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil em Belo Horizonte. Bem como um levantamento junto a professoras de berçários de outras UMEI's, por meio de questionários, no intuito de se conhecer o trabalho desenvolvido por elas. Conclui-se que pouco se trabalha nas escolas, nesse sentido, com o corpo e movimento direcionado às crianças do berçário; o atendimento educacional parece se limitar aos cuidados em relação à higiene e alimentação. Entretanto, destaca-se a importância de se promover oportunidades de desenvolvimento no ambiente escolar com as crianças pequenas.

Palavras-chave: corpo, movimento, educação infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. OS BEBÊS E OS BERÇÁRIOS NAS UMEI'S	09
1.1 O relato de uma experiência.....	11
1.2 Breves contribuições de Henri Wallon.....	14
1.3 Referenciais para a Educação Infantil.....	16
2. CONHECENDO A EXPERIÊNCIA DE ALGUMAS PROFESSORAS	19
2.1 Analisando algumas experiências.....	23
3. HISTÓRIA DO CUIDAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE	30
ANEXOS	32

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência.

A minha mãe, pela educação e criação.

A toda minha família, pelo o apoio que sempre me deram.

Ao meu namorado Mauro, que esteve presente em todos os momentos.

A minha orientadora Libéria, pelos conselhos e ensinamentos utilizados para realização deste trabalho.

A Alessandra, Leane e Michelle, pelo apoio nos momentos difíceis.

Enfim, a todos que participaram de forma direta e indireta nessa conquista.

Muito Obrigada!

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a minha carreira como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 2010, tive a oportunidade de trabalhar na UMEI¹ Taquaril com crianças de 4 e 5 anos.

A partir dessa trajetória, surgiram inquietações que me levaram ao interesse em trabalhar no berçário, com crianças de 0 a 1 ano de vida, para experimentar e realizar o trabalho com o corpo e movimento como, considerando-os elementos de suma importância para o desenvolvimento dos bebês.

Durante esse tempo, tive a oportunidade de realizar um trabalho junto aos bebês onde experimentei a oferta de várias possibilidades de exploração dos mesmos no espaço da escola, com o intuito de desenvolver a linguagem corporal como fator de conhecimento do mundo e interação dos mesmos com outros.

Inicialmente, tive como suporte o interesse das crianças que apresentavam desenvoltura para as atividades em questão; bem como o desejo e disponibilidade das colegas do berçário. Entretanto, esta não é uma realidade presente em boa parte dessas escolas. Diante disso, para incrementar a discussão acerca da educação de crianças nos berçários, buscou-se conhecer o que trabalham, como trabalham, quando trabalham e porque trabalham algumas professoras da mesma rede de ensino.

Partiu-se para conhecer o trabalho acerca do corpo e movimento junto às crianças, frentes nos berçários das UMEI's e, para tal, foi aplicado um questionário para algumas professoras, a fim de levantar tais informações.

Tendo como base alguns aspectos da teoria de Henri Wallon – médico, filósofo e psicólogo, considerou-se a importância do corpo e movimento como parte integrante dos primeiros modos de comunicação dos bebês, bem como de sua vinculação com as pessoas que os cercam – elementos essenciais à sua constituição psíquica. O corpo fala, sem ainda se utilizar das palavras, por meio dos primeiros sinais comunicativos do bebê, os quais são essenciais ao desenvolvimento.

¹ Sigla utilizada para designar as Unidades de Educação Infantil da rede Municipal de Belo Horizonte.

Em consonância com as investigações feitas ao longo do trabalho, tive como aporte o Referencial Nacional da Educação Infantil e as Proposições Curriculares para a Educação Infantil, que funcionam como um referencial norteador para o trabalho das professoras também junto aos bebês.

A relação das informações recolhidas, juntamente com a história da Educação Infantil no município de Belo Horizonte, nos mostra o quanto esse período do desenvolvimento precisa ser valorizado na escola.

1. OS BEBÊS E OS BERÇÁRIOS NAS UMEI's

No ano de 2010, entrei na Prefeitura de Belo Horizonte como professora para a educação infantil na UMEI Taquaril. É uma escola que atende crianças de 0 a 6 anos de idade. Comecei trabalhando como professora de uma turma de crianças de 4 anos e segui com a mesma turma até completarem a educação infantil, aos 6 anos de idade.

Com o passar do tempo, tive a oportunidade de ter contato com toda a escola, chamando-me a atenção o seguinte fato: no corredor onde funcionava a sala do berçário, algo diferente acontecia; todos tinham que desacelerar os passos e nos silenciarmos. Isso porque estávamos em frente à sala dos bebês, de onde logo saía uma professora para nos avisar da fragilidade da área.

Nos horários de estudos, sempre via uma pessoa ou outra observando os bebês do lado de fora, através dos vidros das portas; e seus comportamentos, sempre calados, com a intenção de não perturbá-los.

Aquela situação muito me incomodava e, diante disso, resolvi experimentar trabalhar no berçário para perceber se realmente era necessário todo aquele zelo e proteção diante dos bebês que se encontravam naquele espaço.

No ano seguinte, fui então trabalhar no berçário e pude perceber que os bebês precisavam de muita atenção e cuidado a todo o momento. Mas, também percebi, que nem por isso tinham que ser observados pelos vidros das portas e que os mesmos podiam ter contato com o restante das crianças da escola.

Nesse tempo, tive a oportunidade de fazer extensão de jornada em outras UMEI's e foi possível perceber que, visando uma atmosfera de ordem e harmonia, as rotinas dos berçários funcionavam com as mesmas características.

Entendo que a instituição de educação infantil deve favorecer um ambiente físico e social onde os bebês se sintam protegidos e acolhidos, mas ao mesmo tempo, estejam seguros para se arriscarem e vencerem desafios provenientes de situações planejadas especialmente para trabalhar a sociabilidade. Além disso, que os professores reflitam sobre o espaço dado em todos os momentos da rotina diária, incorporando diferentes significados com o objetivo de desenvolver junto com os bebês o pleno desenvolvimento.

Sabemos que a rotina diária do berçário é intensa; e a todo o momento, o banho, a alimentação e a troca de fraldas requerem muita dedicação e disposição. A rotatividade do serviço é grande e conta-se com o esforço físico das professoras.

Mas a rotina também é uma grande ferramenta que nos norteia para o trabalho, constituindo um excelente instrumento no preparo das ações – no antes e no depois. Ao anunciarmos as atividades que serão realizadas, estamos incentivando a construção das noções de tempo e preparando os bebês para as vivências do cotidiano. A vivência e conhecimento do ambiente fazem parte dos primeiros aprendizados da criança.

Diante da consciência de que cuidar e educar são indissociáveis, não se pode pensar em deixar os bebês somente deitados em berços e carrinhos, como se fossem intocáveis.

A criança não pode ser considerada sem relação com o meio onde acontece seu crescimento e que a envolve desde seu nascimento. O universo ao qual ela deve adaptar-se, sobre o qual ela modela sua atividade e suas impressões, não é uma espécie de universo em si, invariável e eterno; é o conjunto dos objetos próprios da época: seu berço, sua mamadeira, suas fraldas, o fogo, a luz artificial; mais tarde os móveis cujas estruturas ela manipula, os instrumentos que lhe fornecem seus hábitos ou lhe ensinam a moldar as coisas; as instituições onde se insere sua existência; e também as técnicas da linguagem, da explicação, da compreensão que regulam seus pensamentos, impondo-lhes, através de quadros conceituais ou lógicos, a decupagem das forças, dos objetos que povoam o mundo posto hoje à sua disposição por milênios de civilização, de elaboração material e mental. (WALLON, 2008, p.90-91)

Podemos verificar que o movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento do ser humano. Desde seu nascimento, os bebês se movimentam adquirindo cada vez mais controle sobre seu próprio corpo e se apropriando das possibilidades de interação com o mundo. Para os bebês, o movimento assume um papel importante, que significa muito mais que movimentar partes do corpo ou deslocar-se no espaço; elas se comunicam e se expressam por meios de gestos e de mímicas faciais, e interagem utilizando fortemente o apoio do corpo.

Porém, para que os bebês adquiram habilidades de forma natural e agradável no espaço escolar, é essencial saber de que forma realizar algumas ações e para justamente gerar interesse garantindo-lhes prazer.

Partindo desses pressupostos, durante minha prática, dentro das possibilidades dos bebês, busquei estimulá-los a todo o momento. Visando o

desenvolvimento a partir da interação dos bebês com seus pares e com outras crianças da escola, busquei propiciar um ambiente que pudesse favorecer essa interação. Passei a colocá-los em tatames e almofadas, e a explorar os espaços externos da escola, na intenção de ampliar o ambiente da sala de aula.



IMAGEM 1: Criança explorando o espaço.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Tentei ousar com toda essa mudança porque acredito que a prática do movimento é necessária para a educação infantil. Por englobar os potenciais afetivos, sociais, intelectuais e motores dos bebês, torna-se uma aliada das atividades lúdicas, a partir do momento em que possibilita a estes experimentar e compreender o mundo que os cerca.

Chegar num lugar e querer experimentar e viver uma mudança requer muita disposição e coragem. Por isso, contei com toda a equipe da escola para realizar esse desafio. Tal experiência será relatada a seguir.

1.1 Relatos de uma experiência

Algumas ações foram incorporadas no intuito de se experimentar um modo de melhor estimular os bebês. Inicialmente, ao chegar nos primeiros dias dos bebês no berçário, passou a ser feito um período de adaptação de dois (2) dias, pois não é

fácil para a criança e nem para família essa mudança. Algumas crianças, que já na primeira semana, se apresentam adaptadas e outras demoram um pouco mais; mas, todas respeitadas de acordo com o seu ritmo.

Paralelamente ao acolhimento da criança na sala do berçário, era feita uma entrevista com os pais ou responsáveis para compreender melhor sua rotina – o que gosta de fazer e se mantém algum objeto de apego (fralda, travesseiro, toalha, bico ou brinquedo). Isso para facilitar que a criança se sinta segura na rotina do berçário.

Os hábitos alimentares e de higiene foram também considerados importantes para o bom andamento e também ponto de partida para o sucesso do trabalho no berçário.

Foi estabelecida uma rotina diária como mecanismo de orientação para as ações da criança, possibilitando que ela perceba e se situe em relação ao espaço e ao tempo. Assim tornou-se importante que as rotinas de alimentação, higiene e sono fossem respeitadas.

Os bebês, ao chegarem à sala do berçário, eram colocados em carrinhos porque ainda não andavam e nem engatinhavam. Além disso, porque não podíamos colocá-los em tatames, pois a porta era aberta a todo o momento por outras pessoas que chegavam.

Passado esse momento, cantávamos e conversávamos com os bebês. Depois disso, eram alimentados com mamadeiras e levados para o solário, onde iriam para tomar banho de sol e serem incentivados para a emissão de balbucios. Isso para o desenvolvimento dos sons que pudessem colaborar para a construção da fala.

Objetos atraentes e coloridos eram oferecidos para que os bebês pudessem tocar e pegar e os espaços externos da escola também eram explorados. Passeávamos com todos os bebês no parquinho e arredor da escola e todo o ambiente era observado pelos mesmos com muito entusiasmo e interesse.



IMAGEM 2: Criança brincando na piscina de bolinha.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Depois do banho de sol, íamos para a sala do berçário, num ambiente amplo, onde se proporcionava a interação entre eles, colocando-os em tatames. Alguns eram mantidos com apoio de almofadas, pois ainda não se sentavam. Assim era oferecida a liberdade para que os bebês realizassem movimentos de braços, pernas e corpo inteiro, incentivando-os ao deslocamento no espaço.

Nesse espaço também eram contadas histórias com fantoches e com livros, e vários gêneros musicais eram ouvidos pelos bebês.



IMAGEM 3: Criança lendo história.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Percebia-se a interação dos bebês com os professores, sinalizada pelo choro e quando eram pegos no colo. Os momentos de afetividade aconteciam a todo o momento – na hora do banho, na carícia ao dormir, nas canções de ninar, no embalado e no sorriso.

A partir disso, foi possível observar que os bebês precisavam muito mais do que cuidados diários no berçário. Esses estímulos contribuíam para desenvolver a autonomia e atitudes, demonstrando que os mesmos já começavam a conhecer o seu corpo.

Uma questão que muito contribuiu para o bom desenvolvimento do trabalho no berçário é que os bebês quase não usavam os berços e carrinhos limitando os movimentos; os mesmos eram usados somente para a hora do sono. Também as possibilidades posturais oferecem um conjunto de atividades voltadas para aspectos específicos no desenvolvimento corporal.

Ao permitir espaços para os bebês, eles pareciam mais à vontade e mais íntimos com o ambiente. Demonstravam uma boa relação com os pares e professores, deixando claro que o importante não é o tempo que fica na escola e sim a qualidade de ligação afetiva que se estabelece, deixando de forma prazerosa a inserção de limites e regras e, assim, ter sensibilidade para entender os bebês.

Pouco se pode afirmar sobre o efeito deste trabalho na vida escolar posterior desses bebês, mas segue o relato da coordenadora da UMEI, cedido para este trabalho, em relação a essas crianças.

É notório o desenvolvimento das crianças que saíram do berçário após passarem por esta experiência de corpo e movimento. Percebe-se que outras capacidades foram desenvolvidas através do movimento, tais como: concentração no momento de contação de histórias, destreza nas atividades que envolvem movimento de pinça, a linguagem oral ficou bem desenvolvida, as crianças passaram a ter desenvoltura e segurança para circular nos espaços da escola bem como exploração desenvoltura ambiente externo. As crianças passaram a interagir com os adultos em rodas de conversa com facilidade de entendimento, ao momento sugerido, com atenção e interesse, demonstrando que o trabalho de corpo e movimento é de suma importância para o desenvolvimento das manifestações do corpo. (Alessandra Santana, abril de 2015)

A prática do movimento para os bebês é essencial para o processo de formação cognitiva motora. Essa é uma prerrogativa sustentada por diversos teóricos do campo da psicologia que contribuíram para a educação, em especial Henri Wallon.

1.2 Breves contribuições de Henri Wallon

Nascido na França, onde viveu toda sua vida, Henri Wallon passou pela formação em filosofia e pela medicina antes de chegar à psicologia, numa trajetória que trouxe marcas para a formulação de sua teoria. Ao longo de sua carreira foi cada vez mais explícita a aproximação com a educação. Como professor, discordava dos autoritários métodos empregados para o controle disciplinar, bem como do patrulhamento clerical exercido sobre o ensino, o qual levava, segundo suas palavras, ao obscurantismo e à desconfiança.

Atuou como médico em instituições psiquiátricas, onde se dedicou ao atendimento de crianças com deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento. Paralelamente à atuação como médico e psiquiatra, consolida-se seu interesse pela psicologia da criança. Os conhecimentos no campo da neurologia e da psicopatologia, adquiridos durante a experiência clínica, terão importante papel na constituição de sua teoria psicológica

Cabe ainda ressaltar a sensibilidade que tinha para o mundo das artes. Esta sensibilidade faz-se presente em sua teoria, que abre grande espaço para o campo estético, o da pura expressividade. Em sua obra “Do ato ao pensamento” apresenta grande contribuição para a compreensão da importância do movimento como componente no desenvolvimento do bebê.

Wallon (2008) identificava uma predominância do afetivo para o desenvolvimento da criança, não aquela que pega a criança no colo e fica fazendo carícias o tempo todo, mas sim o contato da criança com o adulto e o meio no qual ela será inserida.

Defendeu (WALLON, 2008) que além da mente, a criança tinha um corpo que falava, e que ambos não podiam ser separados. De acordo com o autor, ao nascer, o primeiro contato que a criança tem é o corpo. É através dele que surgirão as emoções que irão desencadear o processo de desenvolvimento, interação com o outro em busca de sua existência. Pelo fato de que as crianças nesta fase do desenvolvimento se encontram marcadas pelas emoções e suas manifestações, compreender o papel que a afetividade exerce na compreensão da pluralidade e singularidade da criança. Wallon chamou esse estágio de impulsivo-emocional.

No estágio impulsivo-emocional, que abrange o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior. (GALVÃO, 1995 p.43)

Assim, para Wallon (2008), o movimento da criança se refere às suas ações exercidas pela emoção, imitação e gestos. Então, ao realizar essas ações, as crianças são capazes de desenvolver sua capacidade de aprendizagem através do movimento e de sua vivência com o outro e os espaços.

No desenvolvimento da criança, as vivências e experimentações, ao longo do processo de maturação, estabelecem o conhecimento nas ações e representações. Levando em consideração o movimento para que a criança possa reconhecer o seu corpo, descobrir o mundo e seu próprio "eu", permitindo-lhe enfrentar situações novas por meio do seu corpo físico.

A consciência da integração corpo e mente faz aumentar e evoluir a agilidade mental, propiciando o desenvolvimento das crianças de forma a evidenciar essa relação.

O mais importante para Wallon (GALVÃO, 1995) é compreender a criança de forma a enxergá-la como única, pois, é através dessa observação, que se pode construir um trabalho em que a mesma possa se desenvolver sem o foco no cognitivo (mental), e sim nas ações feitas com elas, considerando corpo e mente, para o progresso das aprendizagens. Sua obra é muito vasta e densa; não cabendo aqui neste trabalho a pretensão de abordá-la em sua íntegra.

1.3 Referenciais para a Educação Infantil

Pensando no desenvolvimento integral da criança, o Ministério da Educação criou o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), com o objetivo de servir como guia para a reflexão para os profissionais que atuam diretamente com crianças de 0 a 6 anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira. O documento visa orientar as práticas pedagógicas das instituições de Educação Infantil.

O Referencial foi concebido de maneira a servir como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira (MEC/SEF, 2008, p.7).

No que se refere ao movimento, no trabalho com as crianças com menos de 1 ano de vida, os referenciais indicam ideias e práticas correntes que contemplam a multiplicidade de funções do ato motor.

O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (MEC/SEF, 1998, p.15)

O movimento, portanto é importante para a dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. Os referenciais destacam que o ser humano se movimenta desde quando nasce, adquirindo cada vez maior controle sobre o seu corpo, e se apropria das interações com o mundo.

Quanto menor a criança, mais ela precisa de adultos que interpretem o significado ela precisa de adultos que interpretem o significado de seus movimentos e expressões, auxiliando-a na satisfação de suas necessidades. À medida que a criança cresce, o desenvolvimento de novas capacidades possibilita que atue de maneira cada vez independente sobre o meio, ganhando maior autonomia em relação ao adulto. (MEC/SEF, 1998 p.18)

Portanto, para as crianças pequenas, o movimento assume um papel importante que significa muito mais que movimentar as partes do corpo ou deslocar no espaço, elas se comunicam e se expressam por meio de gestos e das mímicas faciais e interagem utilizando fortemente o apoio do corpo.

Diante disso, no volume III do Referencial, no eixo movimento, sugere-se um novo paradigma para a educação da primeira infância. Destacando que no primeiro ano de vida, predomina a dimensão subjetiva do movimento, pois são as emoções o canal privilegiado de interação do bebê com o adulto e mesmo com outras crianças.

E ao lado dessas capacidades expressivas, o bebê realiza importantes conquistas no plano da sustentação do próprio corpo, representadas em ações como virar-se, rolar, sentar-se etc. Essas conquistas antecedem e preparam o

aprendizado da locomoção, o que amplia muito a possibilidade de ação independente.

Buscando-se como referência também as Proporções Curriculares (Desafio da Formação, 2009, p.80), à medida que a criança vai percebendo e conhecendo o mundo a partir do seu contato corporal, percebe também que possui um corpo, capaz de movimentar e sentir. A construção desse corpo realiza-se por meio dos seus próprios movimentos, de suas descobertas e da superação dos seus limites. Portanto, toda ação educativa está articulada ao movimento humano, e a aprendizagem passa pela dinâmica corporal.

O desenvolvimento motor da criança se dá de maneira contínua desde os primeiros dias, é considerado como um processo sequencial, contínuo e relacionado à idade cronológica pelo qual ela adquire uma enorme quantidade de habilidades motoras, as quais progridem de movimentos simples e desorganizados para a execução de habilidades motoras altamente organizadas e complexas.

É importante lembrar a necessidade de existir uma intencionalidade educativa no trabalho com a linguagem corporal, levando em consideração a idade, a maturação motora, características individuais, interesses e iniciativas das crianças e os valores culturais, possibilitando a aquisição de competências e habilidades. (SMED, 2009, p.96)

Reforçando essa ideia, as vivências corporais favorecem a aprendizagem uma vez que por meio das quais, podem-se experimentar sensações e explorar o movimento do corpo e do espaço, adquirindo saber concreto de maneira significativa para o educando. Cabe ao professor (a), compreender, conhecer o agir da criança para mediar e organizar atividades que abordem diferentes habilidades.

É a partir das descobertas feitas nessa etapa, bem como das oportunidades de fazer escolhas que se permite que a criança construa sua autonomia, contribuindo para o avanço de todas as suas capacidades.

Sendo a base do desenvolvimento bem trabalhada, certamente se poderá colher efeitos não só para o desenvolvimento motor, mas para o desenvolvimento como o todo. Além de contribuir para a efetivação de uma educação que pensa e valoriza o movimento como forma de inserção do ser humano no ambiente de convivência, reconhecendo as diversas formas de aprendizagem.

2. CONHECENDO A EXPERIÊNCIA DE ALGUMAS PROFESSORAS

Com a intenção de compreender as observações e questões que muitas vezes me inquietavam, ao percorrer várias UMEI's, como professora, optou-se por realizar nesse trabalho uma investigação acerca dos limites e possibilidades da educação no cotidiano dos bebês. Tal investigação, direcionada às professoras, buscou compreender o trabalho na instituição de educação infantil visando não só um olhar crítico, mas, sobretudo, aprender conhecimentos para o melhor desenvolvimento dos bebês. E, quem sabe, aprender práticas pedagógicas que possam contribuir nas escolas.

Para investigar estas questões foi elaborado um questionário com 4 perguntas referentes à Linguagem Corporal. Foram distribuídos 10 questionários para professoras de UMEI's diferentes, as quais cursavam o curso de Especialização em Docência na Educação Básica, ao qual se vincula este trabalho. Os questionários foram respondidos em casa e somente 5 destes foram entregues respondidos. Estes 5 representavam 3 UMEI's, todas situadas em áreas vulneráveis.

O questionário é um instrumento de coletas de dados, constituído por uma série ordenadas de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisado envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Com este instrumento, é possível economizar tempo, viagens e obter grandes números de dados, atingindo o maior número de pessoas simultaneamente (MARCONI; LAKATOS 2003, p.201).

Embora aqui neste trabalho se trate de uma amostra pequena, buscou-se a análise qualitativa das respostas. Desse modo, trata-se de um estudo que opta por uma abordagem qualitativa, a fim de reconhecer e compreender os limites e possibilidades da educação dos bebês, vivenciados no cotidiano das escolas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p.21-22)

Procurou-se realizar um estudo qualitativo com atributos exploratórios, permitindo ao entrevistado a liberdade expressiva, propiciando dados sobre o tema estudado e discorrendo sobre as particularidades das respostas das professoras pesquisadas.

Para se conhecer o trabalho do corpo e movimento junto às crianças de 0 a 2 anos em suas UMEI's, aplicou-se um questionário com as seguintes perguntas: 1. Como você descreveria a linguagem corporal das crianças no primeiro na de vida?; 2. Você acha importante desenvolver atividades corporais com crianças nessa faixa etária?; 3. Quais as atividades você desenvolve em sua escola com as crianças de 0 a 2 anos? E com qual frequência são desenvolvidas?; 4. Como são planejadas estas atividades? E com quais objetivos?

A partir das respostas, foi possível perceber que na terceira pergunta, ao referir às crianças do berçário citando as idades entre 0 a 2 anos, as professoras tiveram como base as crianças maiores, as quais já apresentam certa autonomia. Seguem as respostas da terceira pergunta.

Categoria	Quais atividades você desenvolve em sua escola com crianças de 0 a 2 anos? E com quais frequências estas atividades são desenvolvidas?
Professora A	Contação de histórias com fantoches (3 vezes por semana); atividades de rolamento em colchonetes (2 dias na semana); brincar no parquinho (todos os dias); hora do banho (conhecendo as partes do corpo); músicas (todos os dias); massinha (todos os dias); brincar (todos os dias).
Professora B	São atividades que buscam trabalhar com as crianças para além do plano de chão, ou seja, subir e descer escadas, circuito entre outros.
Professora C	As atividades corporais são realizadas diariamente, levando em consideração a interação e experimentação desse corpo no mundo. Segue algumas atividades realizadas: subir e descer escadas, variando o movimento (com o bumbum engatinhando e em pé); circuito acolchoado psicomotor; andar em cima de corda; rasgar papéis e fazer bolinhas; imitar movimentos direcionados: pular com dois pés, pular de um pé só, rolar, engatinhar, correr, com dois pés, rolar, engatinhar, correr, agachar etc; andar em cima do lego (ponte). Chutar e arremessar bola; andar de velotrol; escorregador; andar no meio fio; pular dentro e fora do bambolê; passar dentro do túnel; descalço pisar no chão, água, areia, brita, etc.; passar andar e empurrar pneus; escalar os obstáculos do parque (grama, rampa, morro); dar cambalhota; expressão corporal através da dança; fazer massagem no corpo do outro; entrar e sair de caixas; realizar intervenções no espaço (cortina de fitas, cortina sonora); tapete de sensações.

Diante desta conclusão, percebeu-se que na 3ª pergunta dever-se-ia fazer alteração da expressão, passando a: Quais atividades você desenvolve em sua escola com crianças no primeiro ano de vida? Diante disso, novo questionário foi elaborado e aplicado novamente. Seguem as perguntas e respostas dadas pelas professoras.

Categoria	Como você descreveria a linguagem corporal das crianças no primeiro ano de vida?
Professora A	A linguagem corporal é de extrema importância no berçário, pois visa trabalhar o desenvolvimento do bebê. A criança estimulada nessa faixa etária desenvolve avanços significativos que ajudam no desenvolvimento.
Professora B	Por meio da linguagem corporal a criança expressa seus sentimentos, se comunica e manifesta.
Professora C	O corpo fala a linguagem corporal e considerada 98% da comunicação, a oralidade apenas 2%. Isto é em indivíduos em adultos. No 1 ano de vida a expressão corporal faz parte de toda a comunicação, demonstração de afeto, medo e sono. Os sentidos permeiam todo este processo.
Professora D	Os bebês são observadores, espontâneos, autênticos, investigativos e comunicativos. Utilizam o corpo para se comunicar e expressar. Também tem, nessa idade, um tempo de descobrimento de si e do mundo físico e social, enquanto vão se desenvolvendo e adquirindo o controle da marcha, dos esfíncteres e o progressivo controle do corpo.
Professora E	A criança nesta faixa etária se comunica utilizando o corpo para manifestar seus desejos. Sendo assim esta é uma das linguagens mais exploradas nesta cidade. Apresenta uma grande oportunidade para as pessoas envolvidas direta ou indiretamente para desenvolver atividades que contribuam no processo educativo.

As professoras, em unanimidade, ao descreverem a linguagem corporal das crianças, reconhecem que estas exploram o ambiente com o corpo e se comunicam a partir dele antes de adquirirem a linguagem oral.

As respostas nos indicam o conhecimento das professoras acerca do uso e da função do corpo no cotidiano da criança pequena. Quer seja pela observação durante a prática com essas crianças; quer seja pelas informações disponíveis sobre o desenvolvimento infantil.

Categoria	Você acha importante desenvolver atividades corporais com crianças nessa faixa etária?
Professora A	Sim. É a partir do primeiro ano que as crianças devem trabalhar com o corpo através de estímulos e brincadeiras.
Professora B	É necessário construir desde cedo os conceitos do currículo com a criança, portanto, para internalizar as propostas, ela deve experimentar de maneira concreta.
Professora C	Sim. Faz parte da socialização e interação das crianças, tornando-os indivíduos mais sensíveis, através de atividades a crianças percebe-se como se desenvolvendo várias habilidades cognitivas e sensoriais.
Professora D	Sim. Através das atividades corporais, as crianças, desenvolvem progressivamente coordenação do movimento e equilíbrio em ações individuais ou em situações de interação.
Professora E	Sim. Com isso podemos contribuir para que os pequeninos sejam de fato inseridos no espaço que ocupam e façam ser entendidos.

Todas as professoras consideram importantes, sendo que uma delas utiliza a palavra “necessário”. E todas complementam suas respostas com justificativas, as quais se referem à adaptação ao ambiente, socialização e desenvolvimento de habilidades.

Categoria	Quais atividades você desenvolve em sua escola com crianças no primeiro ano de vida ?E com qual frequência estas atividades são desenvolvidas?
Professora A	Essas atividades são desenvolvidas diariamente com as crianças. Alguns exemplos são circuitos, brincadeiras com bola.
Professora B	A rotina estabelece atividades diárias, nas quais oportunizam ampliar seus conhecimentos, tais como: alimentar-se sozinho, participar da roda de conversa, tomar banho dado pela professora, passear na escola.
Professora C	Música, brincadeira de roda, fantoches, pintura. Dentro da rotina diária.
Professora D	Brincadeiras com bolas, cones, bonecas, carrinhos, caixas etc.; brincadeiras com músicas (fazer gestos, imitar animais etc.). Praticamente quase todos os dias.
Professora E	Sempre. A todo instante estamos realizando atividades que exploram as várias linguagens. A criança pequena é extremamente ativa, está sempre experimentando e explorando o espaço físico que a cerca. Sendo assim, temos que acompanhar este ritmo e quer novidades e estímulos a todo instante.

As quatro professoras disseram que desenvolvem diariamente e uma professora afirma que praticamente quase todos os dias.

Observou-se que as crianças recebem cuidados e atenção e têm espaço para explorar, brincar e se conhecer em sala de aula; e têm à disposição brinquedos e materiais que incentivam a imaginação e o desenvolvimento corporal onde podem se permitir como pessoas.

Categoria	Como são planejadas estas atividades E quais objetivos visam cumprir?
Professora A	As atividades são planejadas através do planejamento semanal e servem para nortear o trabalho feito em sala de aula.
Professora B	As atividades são propostas de acordo com o perfil das crianças, seguindo as orientações do RCNEI. Este planejamento é organizado mensalmente e as atividades são distribuídas por semana. Mesmo com as crianças pequenas devem ter nos objetivos pedagógicos sua aprendizagem.
Professora C	Através de planejamento criando estratégias, utilizando as linguagens. Possibilitar a socialização. Desenvolver habilidades da comunicação oral e escrita. Promover a interação através da linguagem corporal e plástica.
Professora D	Essas atividades são planejadas semanalmente de acordo com as Proposições Curriculares e com as intenções educativas. A “autonomia” é um objetivo de longo prazo na educação, mas nessa época pode ser firmemente propiciada a independência das crianças.

As atividades parecem ser planejadas segundo as orientações das Proposições Curriculares e do Referencial Nacional Curricular da Educação Infantil.

Todas essas experiências fazem parte da rotina, devem ser organizadas em um currículo de forma a proporcionar o desenvolvimento das habilidades, não se tratando de escolarizar as crianças, mas de apoiá-las em seu desenvolvimento.

Ao analisar as respostas desse novo questionário, notou-se que mesmo alterando-se a faixa etária para se destacar as crianças bem pequenas (os bebês, que são o foco deste trabalho), as professoras muitas vezes citam atividades planejadas direcionadas as crianças maiores.

Acredita-se que no 1º ano de vida que o cuidar sofre uma grande influência e é mais valorizado que o educar, que parece acontecer de forma secundária. Mesmo sabendo que cuidar e educar são indissociáveis, não podem ser separados, pode-se pensar no processo educativo das crianças de 0 a 1 ano, o qual pode ser realizado por meio de atividades que envolvem corpo e movimento.

2.1 Analisando algumas experiências

Percebeu-se a partir das análises dos questionários que as professoras pesquisadas parecem praticar o trabalho com a linguagem corporal como um processo de desenvolvimento contínuo. Parecem procurar desenvolver as atividades possibilitando interações adequadas desde muito cedo, uns com os outros e com o espaço.

Entretanto, a partir de suas respostas, pode-se perceber que as atividades descritas, bem como seus efeitos estão direcionadas a crianças maiores, com certo domínio da linguagem oral, bem como dos movimentos. A partir de uma leitura minuciosa, percebe-se certa incoerência no discurso que afirma o reconhecimento da linguagem corporal da criança pequena bem como a importância do trabalho corporal, em relação à descrição das atividades desenvolvidas com as crianças.

Nota-se também que como dimensão do cuidado com os bebês do berçário, as professoras enfatizam mais a proteção dos bebês, em deixá-los acolhidos. De acordo com o RCNEI:

É curioso lembrar que a aceitação da importância da corporeidade para o bebê é relativamente recente, pois até bem pouco tempo prescrevia-se que ele fosse conservado numa espécie de estado de “crisálida” durante vários meses, envolvido em cueiros e faixas que o confinavam a uma única posição, tolhendo completamente seus movimentos espontâneos. Certamente esse hábito traduzia um cuidado, uma preocupação com a possibilidade de o bebê se machucar ao fazer movimentos para os quais sua ossatura e musculatura não estivessem, ainda, preparadas. Por outro lado, ao proteger o bebê dessa forma, se estava impedindo sua movimentação. Não tendo como interagir com o mundo físico e tendo menos possibilidades de interagir com o mundo social, era mais difícil expressar-se e desenvolver as habilidades necessárias para uma relação mais independente com o ambiente. (MEC/SEF, 1998, p. 23)

Ao trabalhar com os bebês, as professoras precisam estar preparadas para uma grande diversidade de situações na capacidade do movimento. Embora citem que ao planejar as atividades de acordo com os referenciais, têm-se notado que as mesmas apresentam pouca objetividade em relação ao trabalho com o movimento direcionado aos bebês. Dando ênfase ao trabalho com crianças maiores, talvez pela falta de acesso a informações referentes a estudos voltados às crianças de berçário, os quais levem em consideração as suas necessidades em relação ao movimento – porta de entrada para as aprendizagens e que muito auxiliará em seu desenvolvimento durante todo o processo de crescimento.

Almeja-se que as professoras que trabalham em berçários, que lidam com a educação infantil, compreendam o corpo como construção biológica e cultural. É nesse processo é que se constrói sua identidade e se apropria do mundo para viver nele de forma cada vez mais humana.

Mas cabe destacar que tal relação com a educação da criança pequena, de 0 a 1 ano de idade, tem herança no processo histórico da criação do segmento da educação infantil no Brasil; uma história que privilegiou o cuidado.

3. HISTÓRIA DO CUIDAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE

A partir das informações contidas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil: Desafios da formação (SMED, 2009), a Educação Infantil em Belo Horizonte começou com um caráter assistencialista. Para que as mães das crianças fossem inseridas no mercado de trabalho, as crianças em situação de pobreza eram colocadas em creches sem infraestrutura adequada, as quais funcionavam em casas ou em instituições ligadas ao algum movimento social. Bastava somente que se gostasse de crianças para se trabalhar nas creches, sem a mínima formação.

Os chamados Jardins de Infância eram, de modo geral, ofertados à classe média, por meio da iniciativa privada de educação.

Aos poucos a Educação Infantil passou a ser reconhecida em detrimento do Movimento de Lutas Prós-creches que tinha como finalidade a construção de mais creches.

A Educação Infantil também fazia o atendimento às crianças em escolas de ensino fundamental, direcionado somente às crianças de 3 a 5 anos de idade, e em período parcial.

Com o tempo e reconhecimento da Educação Infantil como componente da Educação Básica passou a ser valorizada de forma a entender que a mesma é suporte para todo o processo de escolarização das crianças pequenas.

Como o município passou a se responsabilizar pela Educação Infantil, a partir de muitos estudos e lutas pelos direitos das crianças, a Prefeitura de Belo Horizonte passou a construir escolas chamadas de Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) para o atendimento de crianças de 0 a 6 anos.

Desde então as crianças de 0 a 2 anos são atendidas em período integral nessas escolas, e as mesmas recebem alimentação, cuidado e educação. Já as crianças maiores, de 3 a 5 anos, são atendidas em horário parcial. Porém ainda não existe um número de escolas suficientes para que se consiga sanar a necessidade de vagas para o atendimento de todas as crianças.

Portanto, mesmo com a criação das UMEI's, ainda se preconiza a situação social das crianças. A distribuição de vagas segue o seguinte critério: primeiramente são oferecidas 70% das vagas para os vulneráveis (crianças oriundas de famílias de baixa renda; com pais em privação de liberdade; expostas a violência de toda

ordem, entre outros), 10% para crianças que os pais residem ou trabalham perto das UMEI's, e 20% das vagas são sorteadas para todo o restante das inscrições feitas para a unidade escolar.

Em relação ao pedagógico, as creches tinham como cunho a não formação do professor para ministrar aulas, porém isso também mudou. Em seguida a esse período, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte criou o cargo de Educador Infantil que, atualmente, é chamado de Professor para a Educação Infantil. Juntamente com professores e equipe criou-se a proposta pedagógica (Proposições Curriculares para a Educação infantil) que orienta os profissionais em relações às intenções educativas para trabalharem com as crianças.

As professoras e educadoras afirmam que os bebês precisam de cuidados, respeito, segurança, espaço físico adequado, tempo para si, estímulos a todos os sentidos oportunidade para diferentes experimentações, limites, possibilidades para construir uma autoimagem positiva de si, ser compreendidos. Necessitam de uma rotina prevendo tempo para o banho e o sono. (Desafio da Formação 2009, p.38)

Levando em consideração a necessidade dos bebês de passarem a parte do dia na instituição, a rotina do grupo de bebês é relevante, pois, rotina quer dizer planejamento. Por isso que tem se notado, que com relação aos questionários respondidos pelas professoras na pesquisa, ressalta-se uma semelhança no atendimento dos bebês no que se refere ao privilegio das ações referentes ao cuidar. Remetendo-se à ideia do cuidar com o vínculo com o educar, a ponto da anulação do segundo.

É importante estar atento a presença ativa dos bebês às vezes passa despercebida ao olhar do adulto, essa presença é singular quanto à coletividade. Na sequência desses questionamentos, a pesquisa me fez pensar o que propor para os bebês das escolas nos diferentes espaços da escola infantil pensada para contemplar apenas as necessidades das crianças maiores.

Desse modo, percebe-se a dificuldade de se construir uma rotina capaz de contemplar propostas pedagógicas direcionadas a esse público, as quais possam, além de atentar para o cuidar, também privilegiar o educar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato o corpo e movimento fazem parte de todo o processo de desenvolvimento da criança. O que ficou de mais marcante neste trabalho é que embora as professoras tenham conhecimento sobre a importância da linguagem corporal, ficam muito preocupadas com o cuidar.

Na realização das atividades, apresentam boa intenção, porém, não preparam as atividades pensando na faixa etária do berçário, e sim, tendo como referência sempre nas crianças maiores. O que demonstra que somente estas são alvo das atividades planejadas.

A escola precisa se organizar para dar conta de todos os grupos que nela convivem, oferecendo uma educação de qualidade a todos, inclusive aos bebês; exercendo tanto sua função política quanto social e pedagógica.

Talvez seja necessário repensar o que realmente precisa ser trabalhado junto aos bebês do berçário para que se tenha um olhar voltado para essa fase de vida. Arelada a uma concepção de que ainda se predomina o cuidar, herança da história da educação dessas crianças na escola, pouco se oferece nesse sentido aos bebês.

As Proposições Curriculares da Prefeitura de Belo Horizonte (2009) e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) ainda não deixam muito claros o trabalho do corpo e movimento a ser desenvolvido com os bebês. Ainda existe, por parte dos profissionais, uma visão cartesiana; ou seja, o corpo separado da mente.

O plano de ação referente a este trabalho significou um levantamento junto às professoras de berçário, bem como uma análise crítica direcionada ao trabalho que venho desenvolvendo com essa faixa etária na rede.

O que era uma intuição passou a ser uma ferramenta de trabalho, uma vez que encontrei teóricos para embasar e reforçar a importância do trabalho com o corpo e movimento junto aos bebês. Em especial, o referencial teórico oferecido por Wallon (2008), cuja abordagem melhor elucida as concepções de trabalho com o corpo como construção da relação com o outro; promovendo mudança e (re)construção de esquemas, além de integração de novos conhecimentos e desafios encontrados no cotidiano da escola.

Este trabalho oferta uma semente para repensarmos o olhar dispensado aos bebês no berçário da escola de Educação Infantil. Estes não precisam ser deixados quietos, sem serem estimulados, pois são sujeitos da sua própria manifestação corporal, aptos a vivenciar as possibilidades de seu corpo na interação com o ambiente. Corpo este que significa o apoio de tudo que venha a conquistar durante o seu desenvolvimento, como pessoa integrante do espaço, buscando a todo o momento o reconhecimento do eu como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GALVÃO, Isabel, Henri Wallon. **Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina. **Fundamento de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Teoria método e criatividade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

PREFEITURA, Belo Horizonte. Secretária de Educação e Desporto. **Desafios da Formação: Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Belo Horizonte e Creches Conveniadas com a PBH**. Belo Horizonte, 2009.

WALLON, Henri. **DO ato ao pensamento**. Petrópolis: ed. Vozes, 2008.

APÊNDICE A

1º Questionário aplicado junto às professoras

1- Como você descreveria a linguagem corporal das crianças no primeiro ano de vida?

2- Você acha importante desenvolver atividades corporais com crianças nessa faixa etária?

3- Quais atividades você desenvolve em sua escola com crianças de 0 a 2 anos? E com qual frequência estas atividades são desenvolvidas?

4- Como são planejadas estas atividades? E quais objetivos visam cumprir?

APÊNDICE B

2º Questionário aplicado junto às professoras

1- Como você descreveria a linguagem corporal das crianças no primeiro ano de vida?

2- Você acha importante desenvolver atividades corporais com crianças nessa faixa etária?

3- Quais atividades você desenvolve em sua escola com crianças no primeiro ano de vida? E com qual frequência estas atividades são desenvolvidas?

4- Como são planejadas estas atividades? E quais objetivos visam cumprir?

ANEXO A



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de março de 2015.

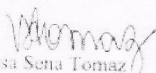
Prezados Pais,

O(a) Prof.(a) _____ desenvolverá, nesta escola, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno(a): _____

De acordo: assinatura dos pais / responsáveis pelo(a) aluno(a)

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

ANEXO B



LASEB
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de março de 2015.

Prezado(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a)/cursista Adriane Carla Felha do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e as questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

De acordo,
Leane Costa Perdigão

Leane Costa Perdigão - BM 43887-5
Vice-Diretor de Estabelecimento de Ensino
LMEI - TAQUARIL

Vanessa Sena Tomaz
Coordenadora Geral do Curso

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

ANEXO C

Algumas atividades proporcionadas às crianças do Berçário.



IMAGEM 4: Foto de crianças sendo estimuladas a pegar o móvel.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



IMAGEM 5: Foto de criança estimulada corporalmente.
Fonte: Arquivo pessoas da pesquisadora.



IMAGEM 6: Foto criança sendo estimulada a subir na bola de Pilates.
Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora